

APRESENTAÇÃO

Acolher uma entrevista com David Harvey, o importante geógrafo social contemporâneo, é uma honra para nossa revista *Sociologia & Antropologia*. Na sua recente vinda ao Brasil, antes de realizar uma conferência para cerca de 1.300 pessoas que lotaram o Salão Nobre e o pátio interno do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Harvey falou a Marco Aurélio Santana e Igor Peres sobre sua trajetória acadêmica, da universidade inglesa de Cambridge até a de Chicago, nos Estados Unidos, e sobre sua contribuição teórica, que vem revigorando o marxismo e inspirando a reflexão sobre os novos movimentos sociais no espaço de várias cidades pelo mundo.

Nos artigos que se seguem a esse depoimento, Michael Levien faz, por um lado, uma importante discussão sobre a relação entre desapropriação de terras e capitalismo. Propondo ir além da articulação necessária entre desapropriação e acumulação primitiva, feita por Marx, e dialogando com a noção de “acumulação por desapropriação” de Harvey, Levien apresenta sua própria teoria de “regimes de desapropriação”. Argumenta que esta é mais adequada para dar conta das formas assumidas por esses processos no passado e no presente, bem como de suas mudanças e efeitos sobre o desenvolvimento econômico e a política. Já Ricardo Musse, comenta alguns dos livros de David Harvey, mostrando como o autor atualiza e interpreta a obra de Marx e parte de suas contribuições para alimentar também os inúmeros debates políticos e teóricos de que participa.

Este número da revista contém ainda um artigo de Markus S. Schulz, no qual o autor reflete sobre a relação entre sociologia e debate público, destacando como o esforço preditivo da disciplina encontra-se especialmente desafiado diante do declínio da noção de determinismo e da possibilidade de pensar o futuro como horizonte em aberto, na chave do conflito e da contestação social.

Pierre Teisserenc e Maria José da S. A. Teisserenc discutem, por sua vez, as mudanças ocorridas com o conceito de território, locus da ação pública que, entre as chamadas populações tradicionais, é reivindicado especialmente em termos socioambientais, o que revaloriza seu saber e reforça sua identidade coletiva. Com isso a questão territorial se renova e ganha em perspectiva política.

Em “Florestan Fernandes no espelho de Gino Germani”, de Alejandro Blanco e Luiz Carlos Jackson, as trajetórias intelectuais de

Florestan Fernandes e Gino Germani, reconhecidos líderes de projetos acadêmicos no Brasil e na Argentina, são comparadas para além do que nos revela a obra de cada um deles, reconstruindo os contextos que vivenciaram e onde se institucionaliza a sociologia dos dois países.

Lígia Dabul traz um novo olhar sobre uma dimensão nem sempre considerada nas análises sobre a arte, a venda, articulando-a a atributos usuais da identidade dos artistas, como o caráter individualizado, original e desinteressado de sua produção. A partir da observação de uma feira de artesanato em Fortaleza, Ceará, utiliza as categorias *artista/arte e artesão/artesanato* para refletir sobre a variação dos procedimentos e percepções entre os artistas plásticos, em relação às condições de venda e à natureza da recepção de seus produtos.

O texto de Mariana Chaguri já nos conduz pela trilha da literatura, tomando o *Ciclo da cana-de-açúcar*, de José Lins do Rego, e *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo (além de alguns artigos e entrevistas), para explorar a produção e circulação das noções de região e regionalismo. A autora procura mostrar, assim, de que modo a tensão entre particular e singular, entre local, regional e nacional, embora diferentemente equacionada pelos dois autores, estrutura as narrativas e produz os nexos de sentido entre forma literária e processo social.

O artigo de Tatiana Siciliano, por sua parte, contrapõe pintura e teatro, no Rio de Janeiro, capital federal, ao final do século XIX. Cenas pintadas da cidade e teatro ligeiro musicado não só divertiam o público heterogêneo, como induziam a um modo especial de ver e apreender o espaço urbano.

Foi na linha da reconstrução do passado que Simoni Lahud Guedes acompanhou um grupo de idosos engajados em projetos gerontológicos e recolheu suas narrativas de história de vida. A partir daí perseguiu os objetivos de destacar a dimensão interpretativa e contextualizada dessas narrativas e contribuir para o debate sobre as relações entre diferentes culturas em sociedades complexas.

Como documento de pesquisa, este número da revista traz a entrevista realizada por Andrea Daher com Nathan Wachtel, recuperando uma experiência de trabalho única e exemplar, que junta o relato dos vivos à letra dos mortos, a antropologia e a história, para demonstrar como os índios (ou “marranos”) retraçam a história de uma América “subterrânea”, mas presente nas manifestações da memória.

Finalmente a resenha elaborada por Matias López sobre o livro *The great gap: Inequality and politics of redistribution in Latin America*, coletânea organizada por Merike Blofield (2011) que oferece uma visão interdisciplinar qualificada para uma das questões centrais para as ciências sociais de todos os tempos: a relação entre desigualdade socioeconômica e democracia política.

Um número que se inicia com a expectativa de mudanças impulsionadas pelos movimentos sociais e termina destacando a questão da democracia, passando pelos desafios abertos ao debate e à ação pública no mundo contemporâneo, é sem dúvida uma boa forma de marcar a progressiva superação, pela sociedade brasileira, dos efeitos do golpe militar que agora completa 50 anos.